



46 / COMEMORAÇÃO
anos / DO 25 DE ABRIL
1974 - 2020



ASSEMBLEIA
MUNICIPAL
BAIÃO



Introdução

As comemorações do 25 de Abril no Município de Baião celebram-se, este ano, através das plataformas digitais e redes sociais da autarquia, atendendo à situação atual de emergência de saúde pública, ocasionada pela epidemia da doença COVID-19, e a consequente declaração de estado de emergência nacional.

Nesse sentido, esta publicação, promovida pela Assembleia Municipal de Baião, apresenta uma compilação de textos dedicados a esta efeméride, produzidos pelo Presidente da Assembleia Municipal, José Luís Carneiro, Presidente da Câmara Municipal, Paulo Pereira, Porta-voz da bancada do Partido Socialista, Pedro Teixeira de Sousa e Porta-voz da bancada do Partido Social Democrata, Ana Raquel Azevedo.

A estes, juntam-se os testemunhos dos antigos Presidentes da Assembleia Municipal de Baião (José Teixeira de Sousa, Carlos Faria, Miguel Dinis Correia e José Pinho Silva), dos alunos dos três Agrupamentos de Escolas do Concelho e de Cândido Agra, Professor Emérito da Universidade do Porto e Professor Catedrático da Universidade Lusíada, recentemente radicado em Baião.

Assembleia Municipal de Baião, 25 de Abril de 2020



José Luís Carneiro

Presidente da Assembleia Municipal de Baião

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Comemorar Abril é Honrar Património de Valores

Comemorar o 25 de Abril é um dos atos mais nobres da nossa vida democrática, porquanto significa homenagear mulheres e homens, civis e militares, que deram as suas vidas para que hoje vivamos em liberdade, com mais justiça e maior igualdade. É estarmos investidos num património comum de valores de que somos herdeiros, assumirmos o dever de o preservar, dando-lhes um sopro de nova vida, transportando-o para as mais jovens gerações por intermédio das nossas opções concretas na vida cultural, social, económica e política.

É comemorar o direito à livre expressão e à autodeterminação, que foi dos povos e, antes de tudo, de cada ser humano; o Serviço Nacional de Saúde, universal e tendencialmente gratuito, que nos tem protegido nesta crise; e a escola pública como garante da igualdade de oportunidades e de uma cidadania comprometida com os valores da República.

É subscrever o direito internacional e a Carta dos Direitos Humanos como fundamento da democracia, da paz, da justiça e do desenvolvimento; é comemorar o país na Europa e com a Europa, que nos ajudou a consolidar a democracia e a progredir cultural, social e economicamente; é manter o seu compromisso com o atlântico, com o mundo de expressão em língua portuguesa e valorizar a diáspora, não como fatalismo histórico de fuga ao desemprego, à pobreza ou à guerra, ou, ainda, como fuga à ditadura e à perseguição política, mas como ativo de opção, positivo e estratégico global. É comemorar o princípio de que todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e de que são iguais perante a Lei.

Estes valores, pelos quais se lutou na clandestinidade e que encheram os corações e o espírito da grande maioria do povo português nas ruas de Abril, ganharam corpo constitucional na Assembleia da República. É por estas razões que no Parlamento, onde se tem garantido a aprovação da autorização do estado de emergência, aprovado as medidas de execução do mesmo e realizado o escrutínio da ação governativa, se realiza a sessão solene para comemorar o 25 de Abril. Cumprindo, naturalmente, todas as determinações das autoridades de saúde.

Como cidadãos e como autarcas temos o dever de honrar esse momento fundador do Portugal democrático. Façamos um simples exercício de memória: recuarmos ao início dos anos 70 e, os mais antigos, aos primórdios dos anos 50 e 60 e lembremos o que eram as nossas e as suas vidas, dos nossos pais, avós e bisavós. Na liberdade para se exprimirem e se autodeterminarem como cidadãos, para cumprirem com mais plenitude os seus deveres e usufruírem dos seus direitos. O que era a agonia da partida das mais jovens gerações para as guerras coloniais e as suas sequelas que haveriam de perdurar até aos dias de hoje. Sabemos bem o significado das conquistas de Abril e o que alcançamos, também por força das conquistas do poder local democrático, marca indelével nessas conquistas da democracia e do desenvolvimento.

Com esta atitude de comemorarmos o 25 de Abril, mesmo em circunstâncias de condicionamento, estamos a cumprir uma responsabilidade que é a do serviço à democracia e às jovens gerações que, tendo nascido em liberdade, devem ter a garantia de que tudo faremos para que nela possam construir o seu futuro.



Paulo Pereira

Presidente da Câmara Municipal de Baião

25
ABRIL
46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Caras e Caros Baionenses,

Celebramos hoje, de forma muito diferente, a importante data da revolução do 25 de abril, a “Revolução dos Cravos”.

Diferente pelos tempos em que, por precaução, responsabilidade e comunhão de objectivos, vivemos.

Todos sabemos dos constrangimentos causados pela pandemia da COVID-19 na nossa vida, e como, subitamente, ela mudou. Afecta-nos a todos e em todo o lado. No país e no mundo. Um vírus que nos obriga ao confinamento domiciliário, à restrição de movimentos, à limitação do convívio, à demonstração dos afectos.

Por estranho que possa parecer, tal contexto permite um paralelismo com a realidade do país antes do 25 de abril de 1974.

Os mais velhos recordar-se-ão de como era viver sem liberdade.

Sem a liberdade de dizer o que se pensava, sem a liberdade de manifestação; num tempo em que as mulheres não tinham direito ao voto ou à emancipação, onde existia uma polícia política que tudo e todos controlava, que reprimia, que torturava...

Num país que vivia em guerra, e via os seus jovens a sofrer ou a morrer no Ultramar.

Num país que vivia uma pobreza envergonhada, na qual a maioria da população não tinha acesso a boas condições de saúde ou educação; os analfabetos representavam uma parcela importante da sociedade, e a esperança num futuro melhor só se podia sonhar quando, a “salto”, se passava clandestinamente as fronteiras e se buscava sustento e liberdade em alguns países da Europa e das Américas.

Hoje, aproveitamos a data da Liberdade para homenagear dois tempos de heróis: os dos Capitães de Abril que combateram e derrubaram a ditadura, mas igualmente os dos profissionais de saúde e das forças de segurança, dos agentes da protecção civil ou dos agentes sociais e económicos, que, mãos dadas com a sociedade civil, se organizaram para combater e nos libertar de um inimigo invisível que a todos ameaçou.

Evoco também aqueles que cuidam dos mais frágeis nos lares e na ação social; as pessoas que continuam a produzir, a distribuir e a fazer-nos chegar os bens essenciais, ou os que garantem as boas condições de limpeza dos espaços públicos.

Mas também os professores e alunos que se adaptaram a uma nova realidade de uma forma tão rápida.

Enfim todas e todos os que têm contribuído para que a nossa sociedade continue a funcionar.

E também lhe agradeço a si, que quer na sua vida pessoal, quer na sua vivência em comunidade, tem dado um contributo para que as coisas avancem. Para que as coisas corram bem.

Apesar da separação e da contenção dos afectos a que fomos obrigados, não só como baionenses, mas igualmente como portugueses, estaremos, por outro lado, todos mais próximos, mais unidos. Mais Fortes!

Neste 25 de Abril, como nos 45 anos anteriores, juntamo-nos em espírito num propósito nobre: o de honrar a memória dos que lutaram e lutam pela Liberdade em sentido lato, e o de sublinhar a importância de uma cidadania activa e conseqüente em prol de um bem comum que estes tempos simbolizam.

Os mais jovens apenas escutam os ecos desses tempos pela voz dos seus avós, ou nos livros de História. Há quem diga que se desinteressaram destas datas e que, por isso, desvalorizam a Liberdade.

Mas não será exactamente assim. Se os mais jovens se envolvem pouco nestas comemorações, é porque, também, os ideais de Abril se cumpriram. E das muitas lições que esta pandemia nos dá é que também os mais jovens têm mostrado uma capacidade de luta e de solidariedade pelo próximo a todos os títulos notáveis.

E mais: que naquilo que os valores e as conquistas de Abril têm de mais simbólico, todas as gerações estão unidas no propósito de derrotar o vírus, sem deixar ninguém para trás.

Todos somos um. Como comunidade os baionenses têm sido, no geral, inexcedíveis. Demonstram um espírito de abnegação, de solidariedade e de responsabilidade que me deixam orgulhoso. Que nos devem deixar orgulhosos!

Num tempo em que a ciência e a solidariedade estão irmanadas neste combate, na sua essência intemporal, permitam-me convocar as palavras de alguém que liderou a Europa em tempos difíceis:

“Todas as grandes coisas são simples. E muitas podem ser expressas numa só palavra: liberdade; justiça; honra; dever; piedade ou esperança”.

Como Presidente da Câmara, que lidera uma vasta equipa, tenho que reconhecer esse trabalho de esperança e dar conta emocionada do Orgulho que tenho em representar os baionenses.

Inspiremo-nos nas acções daqueles que fizeram a Liberdade, que há tempos em que que não há ganho sem risco e que a vida do individuo é incompleta sem que se pense na Comunidade, no País, na Pátria!

Saibamos continuar a fazer cumprir Abril!

Saibamos fazer cumprir Portugal!

Viva o 25 de Abril. Viva a Democracia. Viva a Liberdade.

Viva Baião!



Pedro Sacchetti Teixeira de Sousa

Porta-Voz do PS na Assembleia Municipal de Baião

Comemoramos o 25 de abril de 2020 num período diferente e singular da nossa vida individual e coletiva, em que fomos surpreendidos por uma pandemia que nos obrigou a alterar radicalmente a nossa vida quotidiana, pessoal e profissional, e que ameaça o nosso futuro próximo.

Comemorar o 25 de abril é, hoje de forma reforçada, manifestar a nossa confiança no presente e no futuro, demonstrar a nossa vontade coletiva firme em que a democracia, os seus valores fundamentais e os seus pilares mais representativos, a liberdade individual e os direitos cívicos e políticos, permaneçam solidamente como valores agregadores e inquestionáveis da nossa sociedade. Por maior que seja o impacto económico e social da pandemia em Portugal, o regime democrático é uma conquista do 25 de abril que se quer inalienável.

É ao 25 de abril que devemos que a vida democrática e os direitos individuais, mesmo em estado de emergência, se mantenham e se encontrem protegidos e garantidos, ainda que com as limitações constitucionalmente permitidas em face da situação que vivemos.

Agradecemos, nesta data, o esforço insuperável dos profissionais de saúde, das forças de segurança, de corporações de bombeiros, e de todos aqueles que se encontram na linha da frente no combate à pandemia, com prejuízos pessoais e enfrentando os riscos decorrentes da sua atividade.

Uma das conquistas mais importantes do 25 de abril é o Serviço Nacional de Saúde, que oferece cuidados de saúde universais. O Serviço Nacional de Saúde, neste momento de crise e de dificuldade extrema, tem sido essencial no combate à pandemia e na proteção da saúde de todos, independentemente da sua condição social e económica, mostrando de novo a sua essencialidade no nosso regime democrático e evidenciando que é imprescindível lutar pela sua preservação e dotação, a cada momento, dos meios adequados.

Mas, também, saudamos todos quantos em estabelecimentos alimentares, na agricultura, no transporte de mercadorias, nas obras, nas fábricas e em muitos outros lugares, continuam a trabalhar para que os bens essenciais continuem a ser produzidos e, na medida do possível, para que a economia continue a funcionar.

Um saudação especial, ainda, para todos aqueles que na Câmara Municipal de Baião e nas freguesias do Concelho de Baião, sejam funcionários ou agentes políticos, continuam devotadamente ao serviço da população e no combate à pandemia e às suas consequências, tendo uma missão fulcral de apoio à população.

Em época de crise e de incerteza, o poder autárquico (outra conquista fulcral do 25 de abril) demonstra, mais uma vez, a sua essencialidade no apoio à população, em face da proximidade e conhecimento das realidades locais. Esta crise veio recordar-nos, também, que é essencial dotar o poder autárquico dos meios necessários ao cumprimento da sua função e preservar a dignidade de quem se dedica ao serviço do seu Concelho ou da sua Freguesia.

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Sem o esforço da população em geral, em Baião e no restante território de Portugal, que tem acatado civicamente os conselhos da Direção Geral de Saúde e do Ministério da Saúde, que permanece em casa, em muitos casos com sacrifício e com quebra de rendimentos, cuidando de filhos ou de ascendentes, em tele-trabalho quando as circunstâncias o permitem, seriam inúteis e infrutíferos todos os esforços no combate ao Covid-19. Todos somos necessários neste momento ímpar da nossa vida coletiva.

Este 25 de abril de 2020 ensina-nos, assim, que é fundamental a existência de serviços de qualidade que estejam disponíveis para todos em áreas essenciais como a saúde ou a educação, recorda-nos a valia essencial de setores de atividade muitas vezes esquecidos como a agricultura, bem como nos lembra a necessidade de proteção dos idosos e do direito a uma existência digna, a essencialidade de uma vida comunitária que é essencial no apoio de proximidade aos mais desfavorecidos ou isolados em momentos de maior dificuldade.

São lições que devemos apreender e que devem servir de linha de ação política futura, ao nível local e nacional.

Nesta data, fazemos votos que o combate à pandemia, que está ainda longe de terminar, seja prosseguido com o intuito primordial de preservar o máximo possível as vidas humanas, objetivo necessariamente prioritário de um regime democrático inspirado pelos valores do 25 de abril.

Não esquecendo as dificuldades inevitáveis com que nos depararemos nos próximos tempos, nomeadamente as consequências sociais e económicas resultantes da pandemia, que de todos, e em especial dos agentes políticos, exigirá esforços redobrados, olhamos para o futuro confiantes que, em Baião e em Portugal, saberemos enquanto povo estar à altura das dificuldades. E que seremos capazes, de novo, de reerguer as atividades económicas e a vida em sociedade, preservando o regime democrático herdado do 25 de abril.

Viva o 25 de abril!

Viva Baião!

Viva Portugal!



Ana Raquel Azevedo

Porta-voz do PSD na Assembleia Municipal de Baião

25 ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Exmo. Presidente da Assembleia Municipal de Baião Dr. José Luís Carneiro,
Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Baião, Dr. Paulo Pereira;
Exmos. Vereadores da Câmara Municipal de Baião,
Exmos. Presidentes das Juntas de Freguesias;
Exmo. Porta-voz do Partido Socialista;
Exmos. Deputados Municipais;
Exmos. Presidentes das Assembleias de Freguesias e restantes elementos,
Exmos. Representantes das diversas associações e instituições do concelho,
Prezadas e Prezados concidadãos,

Estranhos dias estes em que hoje nos encontramos. Confinados em nossas casas, com a nossa vida virada do avesso.

Estranhos dias estes em que não nos podemos encontrar no Salão Nobre da Câmara Municipal de Baião para, todos juntos, celebrarmos o dia 25 de Abril de 1974.

Começo por parabenizar o Sr. Presidente da Assembleia Municipal pela forma como entendeu que estas celebrações não são menos dignas por serem realizadas no confinamento nas nossas casas, tal como muitos portugueses celebraram em 1974 nas varandas.

Teremos sempre abril para celebrar, porque o ganhámos, porque o vivemos, porque faz parte do ADN português, porque continuamos a lutar por ele todos os dias, seja em nossas casas através dos meios que atualmente temos disponíveis ou nos moldes de sempre.

A comemoração do 25 de abril não pode nunca assentar no pressuposto de que pode apenas ser celebrado de uma forma, de que é “mais de um do que de outros” ou que pode ser usado para tirar dividendos políticos. Não! O 25 de abril será sempre de todos: Não só dos homens e das mulheres que lutaram por ele mas também daqueles que, tal como eu, sempre respiraram liberdade e são os filhos desta revolução.

A solenidade de uma celebração não está na forma que é realizada mas sim na forma que é sentida, pelas repercussões que tem na nossa vida e pela vontade de nunca a deixarmos de celebrar. Na intempérie nasce a melhor solução e a classe política tem de ter a capacidade de se reinventar perante as circunstâncias, mostrar que não se resigna ao convencional e acima de tudo dar o exemplo. São estes os que se perpetuam no tempo, os que foram capazes de se reinventar tal como Francisco Sá Carneiro, Mário Soares, Álvaro Cunhal, Freitas do Amaral ou os Capitães de Abril. A maturidade da nossa democracia permite-nos isso.

Ninguém nos preparou para esta guerra. Aprendemos que as guerras eram travadas de forma estrondosa, com avisos. Começamos por ouvir falar de um vírus que nos parecia distante, mas ele chegou de forma certa, rápida e ninguém esperava que mudasse de uma assentada só as nossas vidas.

As mudanças foram bruscas: muitos perderam a possibilidade de ir trabalhar, outros tiveram de ficar em casa pela necessidade de tomar conta dos filhos e todos fomos de certa forma aprendendo esta nova realidade em que estar longe daqueles que gostamos é agora

um sinal de amor. Hoje, muitos daqueles que temos desvalorizado nos últimos anos dão, mais do que nunca, provas da sua eficácia e imprescindibilidade: médicos, enfermeiros, forças de segurança, bombeiros, professores, colaboradores de IPSS, entre outros. Mas, perante este novo paradigma que limita a nossa atuação, será que podemos dizer que perdemos a liberdade?

Motivado por uma resposta mais eficaz à COVID-19, o Presidente da República declarou o estado de emergência por calamidade pública. Este estado “confere às autoridades competência para tomarem as providências necessárias e adequadas ao ponto de restabelecimento da normalidade constitucional” e “apenas pode determinar a suspensão de alguns dos direitos, liberdades e garantias suscetíveis de serem suspensos”.

“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência.”

E a consciência comanda que o bem comum seja o imperativo dos nossos dias: nós não perdemos a liberdade, ganhamos o direito de poder continuar a usufruir dela, com os nossos amigos e familiares, com saúde.

Não podemos ser utópicos: a nossa vida não vai ser a mesma tão cedo, tanto a nível social e sanitário como ao nível económico. Enquanto a vacina não for descoberta, as limitações podem ser mais diminutas mas teremos de manter os nossos anciões em segurança, o distanciamento social vai fazer parte das nossas vidas e o uso da máscara vai-se tornar mais normal no ocidente tal como já o é no oriente. Estas palavras podem parecer duras para tantos de nós que se encontram a fazer esforços desumanos há tanto tempo, mas este será o nosso “novo normal”.

Como todas as guerras, os destroços ficam e atingem-nos ao longo do tempo. Ao nível económico os dados já falam por si: 930 mil trabalhadores em layoff não foi o suficiente para que o desemprego não tivesse um aumento de 10% só nos primeiros 14 dias de abril. Em Baião, no mês de Março já houve um aumento de 13% relativamente ao mês anterior. Os economistas estimam que será a maior crise mundial desde a Grande Depressão. Sabemos o que aí vem, não nos é assim tao distante esta situação e a palavra crise já ecoa.

Já dizia Sá Carneiro: “Portugal necessita de um projeto mobilizador. É tempo de que este país encontre um rumo definido de recuperação e de desenvolvimento.” e uma das mais importantes conquistas da revolução de abril de 1974 realizou-se ao nível do poder local, tornando o nosso país menos assimétrico e mais desenvolvido. Assim, acredito que o poder local deverá ter um papel fundamental no apoio à implementação das medidas já tomadas pelo governo mas também na criação do seu próprio plano de ação, o tal projeto mobilizador que colmatará as restantes medidas. Como tem sido o nosso apanágio a nível nacional, o PSD local estará sempre disponível para colaborar com o executivo municipal de forma a poder dar resposta aos desafios económicos e sociais que teremos pela frente.

Outra das vitórias que conquistamos em abril foi a possibilidade da população organizar-se em grupos com o objetivo de influenciar o poder político sem restrições e perseguições.

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Se temporariamente perdemos a liberdade de nos reunir fisicamente, não perderemos nunca a maior responsabilidade que abril nos deu: a democracia. E de forma patriótica e sempre democrática, lutaremos pelo bem-estar das nossas populações onde todos contamos como um.

Na última declaração de estado de emergência, o Presidente da República dizia que “Se queremos ganhar a liberdade em maio precisamos de a ganhar em abril”.

Ao fim de 46 anos, voltamos a lutar novamente pelo nosso país.

Ao fim de 46 anos, voltamos a ter um inimigo comum, esquecendo a guerrilha política voltando ao único objetivo: o bem comum, a defesa da nossa sociedade.

Ao fim de 46 anos, os soldados desta guerra não estão armados dentro de carros blindados, estão nos hospitais, fardados de branco a salvar pessoas, estão nas ruas a recolher o lixo, estão nas lojas a garantir alimentos para todos, estão nos laboratórios a descobrir uma vacina que nos leve de volta à nossa liberdade.

Ao fim de 46 anos, voltamos a erguer os nossos cravos nas varandas, tal como em 1974, na esperança de vencermos esta guerra.

Ao fim de 46 anos, voltaremos a ganhar abril.

Hoje, também da varanda de minha casa, digo-o com a mesma dignidade e solenidade de sempre:

Viva a liberdade!

Viva o 25 de abril!

Viva Baião!

Viva Portugal!



Carlos Faria

Presidente da Assembleia Municipal de Baião (1979 - 1993)

Abril...Abril... Como eu te recordo!

Arranco uma página do meu diário, para me situar no tempo e no espaço.

“Chego a terras de Loivos da Ribeira no já distante ano de 1957. Era Fevereiro. Para trás, ficavam quase dois anos e meio de um serviço militar que nunca desejara, mas que tive de aguentar a pé firme!

Viera para ali, para ocupar, como professor efectivo, o meu lugar de titular da Escola Masculina de Loivos da Ribeira, do então designado Ensino Primário Elementar.

Pela primeira vez na minha vida, deparava-me com a tristíssima situação de ver ao meu redor uma população economicamente muito débil, maioritariamente obrigada a arrancar da terra, de sol a sol, o seu magríssimo sustento e o do rancho de filhos que Deus lhes dera!

Este era também o retrato real de um País subdesenvolvido, pobre, retrógrado, sem grandes horizontes... Fui-me habituando assim, ao longo dos tempos, a conviver com aquela gente humilde, mas profundamente boa e solidária, a partilhar as suas alegrias e tristezas, as suas misérias e as suas farturas, colhidas anualmente pelo S. Miguel.

Foi-se, assim, cimentando em mim a ideia de que, para além do que me impunha a minha consciência profissional, outras tarefas ingentes me eram pedidas: era imperioso ajudá-los a crescer! Sem mais delongas, atirei-me ao trabalho!”

Foi no meio deste desafio, que Abril me apanhou!

Naquele dia, irrepetível, acordei pronto a cumprir as minhas rotinas diárias:

Das 09 horas às 13, trabalho na minha Escola; das 14 horas e 30 no Posto de Recepção Oficial nº 52, de Santa Marinha do Zêzere, onde fico até às 20.

Naquele dia, porém, tudo se alterou num ápice. Mal tinha metido a chave na porta, chega-me a notícia: há tropas nas ruas de Lisboa! Dizem que é a revolução! Pronto, hoje ficamos por aqui, acabou-se a escola! Claro que o mesmo aconteceu em Santa Marinha, pois a RTP não emitia as aulas do CPTV.

Cheguei a casa esbaforido, peito a arfar da corrida, e fui direitinho ao rádio, a tempo ainda de ouvir um **comunicado** transmitido através das antenas do RCP. Eram 10h e 30 mn.

“O posto de Comando do MFA constata que a população civil não está a respeitar o apelo já efectuado várias vezes para que se mantenha em casa...”

Aí estava a confirmação de que algo se estava a passar e um clarão enorme de uma Esperança renovada tomou conta dos meus pensamentos!

Entretanto, as grandes manchetes dos Jornais começavam a chegar em catadupa: “O Diário de Notícias” ...” A Capital” ...” O Jornal de Notícias” e o meu querido “Diário Popular”, em edições sucessivas actualizavam os acontecimentos. Este último, titulava a toda a largura da primeira página:

“O Movimento das Forças Armadas proclama a entrega do Governo a uma Junta de Salvação Nacional presidida pelo General António Spínola”

Um grito espontâneo saiu-me do peito: “VITÒRIA! VITÒRIA!” Só então dei conta que já não tinha ninguém em casa.



25
ABRIL
—
46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

José Manuel Queirós Teixeira de Sousa

Presidente da Assembleia Municipal de Baião (1993 - 1997)

Vivemos este 25 de abril numa situação diferente do habitual e difícil.

Há 46 anos, em 1974, estávamos aprisionados no país. O nosso Portugal vivia isolado do mundo. Não havia liberdade de reunião, de associação, de expressão, não havia educação para grande faixa da população, informação livre, cuidados básicos de saúde para todos.

Só havia liberdade de pensamento porque como dizia o nosso poeta "é livre como o vento" e havia quem resistisse, "há sempre alguém que diz não" diz outra canção da resistência.

Hoje, confinados nas nossas casas por obrigação cívica, somos livres e livres de comemorar o 25 de abril, dia da liberdade. Não estamos proibidos de amar, sonhar, rir, concordar, discordar, espalhar a esperança e a felicidade, libertar o nosso pensamento, reflectir, sermos solidários.

Podemos aproveitar este tempo. Temos mais tempo, bem precioso nestes tempos que vivemos, para reflectir no que fizemos quer individualmente, quer nas nossas colectividades, quer como país, para preservar tudo aquilo que nos foi projectado e perspectivado com o 25 de abril de 1974.

Temo-nos desenvolvido como sociedade, é certo. Vivemos numa democracia formal, mas cada um de nós tem feito tudo no dia a dia para preservar esse bem precioso que é a liberdade, e para criar uma sociedade mais justa, fraterna, solidária? Temos distinguido o essencial do supérfluo?

Lutamos no dia a dia por um mundo melhor? Contribuímos à nossa dimensão, por mais pequena que ela nos pareça ser, para que possamos ver em cada esquina um amigo, em cada rosto igualdade e para que o nosso país seja uma grande Grândola, uma terra de fraternidade?

Dizia Einstein que há duas maneiras de ver o mundo: ou pensar que não existem milagres ou que tudo, até a vida, é um milagre. Tudo o que acontece tem o seu lado positivo e o seu lado negativo. Há que exaltar o primeiro e limitar o segundo.

O meu voto neste 25 de abril em que não nos podemos reunir, cantar a Grândola e o nosso hino nacional juntos, darmos fisicamente as mãos, é que para o ano no 25 de abril de 2021 possamos comemorar o dia da liberdade sem qualquer limitação, com o sentimento individual e colectivo de que, podendo ter mais dificuldades, quiçá ser mais pobres, somos mais fraternos, mais unidos, mais fortes, mais solidários, mais de abril.

Viva o 25 de abril.

Viva Baião e todos os baionenses.

Viva a República Portuguesa e todos os portugueses.

Viva a liberdade e toda a humanidade.

Santa Marinha do Zêzere, Baião,
3 de abril de 2020



Miguel Dinis Correia

Presidente da Assembleia Municipal de Baião (1997 - 2001)

Vivemos momentos desconhecidos, sentimos dificuldade em nos adaptarmos, sem saber como lidar com esta nova realidade. Refiro-me à pandemia que nos assola, que nos preocupa, que nos incomoda e que, veio alterar o rumo das nossas vidas.

Percebemos que a conquista da liberdade e a garantia dos direitos fundamentais, trouxe também, uma maior responsabilização individual e coletiva, perante a sociedade.

Mais do que termos uma atitude crítica gratuita, importa perceber que tipo de comportamento temos tido, no esforço de construção de uma sociedade mais justa e solidária. Devemos perceber se estamos, ou não, a contribuir para o bem-estar à altura de fazer face a novos desafios.

Vem isto a propósito do dever de cidadania. Numa altura conturbada como a que vivemos, temos de ser ainda mais exigentes, temos de ter a consciência de que tudo o que conquistamos, só faz sentido se formos capazes de continuar a respeitar a liberdade e direitos dos outros.

Uma sociedade que se tornou mais virtual, menos palpável, que caminha de forma descontraída e distraída, nem sempre tem tido a clarividência de perceber que as atitudes certas ou erradas de hoje, vão condicionar o amanhã.

Mais do que nunca, é imprescindível unirmos vontades, trabalharmos com sentido de missão e de solidariedade, na procura de um mundo melhor.

Baião, 23 de abril de 2020



José Pinho Silva

Presidente da Assembleia Municipal de Baião (2005 - 2017)

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Escrevo este texto sobre as Comemorações do 25 de Abril deste ano numa altura em que o mundo e nós próprios sofremos as consequências da pandemia mortífera da COVID-19, procurando unir esforços, vontades e meios para vencermos o medo, a angústia e a desinformação que a todos afeta nestes momentos de profunda incerteza, em que o “todo-poderoso” Homem se vê confrontado com a sua verdadeira pequenez de sobrevivência, perante a maior ameaça que a humanidade enfrenta nos últimos 100 anos.

Desde meados dos anos 80 do século passado ganhou força a teoria Neoliberal, de uma visão económica conservadora, fundamentalmente assente na privatização dos serviços públicos a baixo preço, nos impostos mínimos e na ausência de regulação da economia pelo Estado, como oposição à teoria Keynesiana de bem-estar social e qualidade mínima de vida para todos os cidadãos, garantidas por um Estado forte. Aos nossos olhos, nasce o “self made man” que, sozinho, vence tudo e todos, domina a terra e o espaço, faz fortuna em poucos anos e considera o Estado um estorvo aos seus anseios de afirmação individualista do “ter” sobre o “ser”. Os fins deste tipo de sucesso, assente no lucro especulativo, no consumismo desenfreado e na desregulamentação do trabalho, é sinónimo de “status” social e justifica os meios, onde a palavra dada já não corresponde a palavra honrada.

No nosso país, esta doutrina neoliberal, preocupada apenas com os resultados financeiros do lucro, conduziu a opinião pública à ideia de que a presença do Estado em empresas estratégicas impedia a sua modernização, a sua internacionalização e a criação de riqueza propiciadora de melhores condições de vida para todos, a começar pelos trabalhadores. O Estado, apontado como despesista e anquilosado, cederia a sua posição na Banca, nos Seguros, nos CTT, na EDP, na GALP, entre outras, entregando-as ao virtuosismo da iniciativa privada dos grandes grupos económicos, com estes a prometerem serviços mais eficazes, mais alargados e mais baratos. A realidade que todos conhecemos encarrega-se de desmentir estes cenários idílicos e propositadamente otimistas que nos foram apresentados e a grave crise económica que vivemos, entre 2008 e 2011, tornou evidente que estes “colossos”, omnipresentes no dia-a-dia das nossas vidas, nomeadamente a banca, eram afinal frágeis “papagaios de papel” que o Estado e os contribuintes tiveram de socorrer e salvar da falência.

Como não podia deixar de ser, esta teoria económica encontrou eco e sustentação na vida política, onde os modernos pensadores nos fizeram acreditar que as ideologias eram uma coisa arcaica, sem sentido no presente e no futuro de uma globalização que, com o seu manto diáfano, tudo isso esbate e relega para segundo plano, restando uma linha ténue a separar as diferenças entre os principais conceitos político-partidários. Este processo de mundialização dominante da política, da economia e da cultura, fez-nos esquecer as diferenças essenciais entre a esquerda - que acredita que a sociedade é melhor quando o Estado está presente na regulação e na garantia dos direitos de igualdade entre todos os cidadãos, e a direita - que defende uma sociedade assente na prevalência dos direitos individuais, na iniciativa privada, na desregulação dos mercados e no papel minimalista do Estado.

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Estas diferentes visões sobre a mundividência merecem atenção no atual quadro de grave crise sanitária, onde os serviços de saúde e os seus dedicados profissionais, entre outros, se transformam em heróis da linha da frente a cada dia que passa. Também aqui, a esquerda defende o acesso de todos os cidadãos, ricos e pobres, aos cuidados de saúde como um direito fundamental que o Estado tem de garantir.

Os tempos de grave crise, como esta provocada pelo novo coronavírus, são tempos de sofrimento e de dor, mas também tempos de ensinamento e de reflexão para todos, em particular para as novas gerações a quem entregamos a construção dos caminhos do futuro e que tantas vezes se mostram divorciadas da vida política, considerando-a “coisa menor”, como se Platão, Aristóteles, Maquiavel, Einstein, Marx ou Weber não lhe tivessem dedicado o melhor dos seus estudos.

O que seria de nós, neste tempo de pandemia da COVID-19, sem essa enorme conquista do 25 de Abril de 1974 – O Serviço Nacional de Saúde (SNS)?

Viva o 25 de Abril.



Cândido da Agra

Professor Emérito da Universidade do Porto,
Professor Catedrático da Universidade Lusíada

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Pandemia, Páscoa e Liberdade

Entre o início de março e o 25 de abril vivemos três grandes eventos. O primeiro, radicalmente novo, inesperado e mau, condicionou os outros que, tendo sido novidades boas na sua origem, foram submetidos a um progressivo e longo processo de erosão do seu significado profundo. Tornaram-se, para psicologia das massas, puros rituais repetitivos e monótonos. Quem conhece e vive o sentido espiritual da Páscoa? Quem conhece e vive o significado político do 25 de abril?

Que ligação podemos nós estabelecer entre três acontecimentos situados a níveis diferentes: biológico, religioso e político?

1. A pandemia. O TGV constituído pelo conjunto das sociedades “democráticas” ocidentais rolava a alta velocidade nos carris de um desenfreado capitalismo como um cavalo à solta, de uma “oligarquia liberal” mascarada de democracia. E eis que um vírus imprevisível faz descarrilar a composição da “vida boa”. Agora é o tempo da doença, do sofrimento e da morte. Agora é o tempo da suspensão dos direitos e das liberdades. Agora é o tempo do uso generalizado da reclusão domiciliária. Porquê? Que nos acontece? Que devemos nós fazer? Que podemos nós esperar?

O TGV rodava a alta velocidade sem maquinista e sem qualquer sistema de pilotagem. Tinha de descarrilar. E agora? Agarra-te ao que depende de ti: pensar e experienciar. Critica e criativamente. Viver a experiência da reclusão e a ausência das liberdades pensando em todos quantos estiveram presos pela conquista das liberdades, dos direitos humanos e do Estado de Direito Democrático; pensar no destino que tem sido dado às conquistas de abril; pensar na própria ideia de liberdade. Eis algumas pistas.

2. A Páscoa. O termo hebraico significa passagem. A data é fixada pela primeira lua cheia da primavera. Este ano a pandemia suspendeu as habituais celebrações. Porém, as manifestações engendradas pelo imaginário religioso aproximaram-na do seu verdadeiro simbolismo: a passagem do tempo trágico para o tempo salvífico. Mergulhada a humanidade em profunda dor e sofrimento, eis que os multifários gestos, palavras e pensamentos de crenças e agnósticos operaram essa passagem para a rara experiência vivida da fraternidade, da solidariedade, da amizade cívica. Aprendemos que não é apenas a ciência e a técnica, repletas de incertezas, que nos salvam. Salva-nos uma capacidade humana situada mais acima, na lua cheia: a fraternidade universal. Qual foi, afinal, a corda central que vibrou na pregação do operário de Nazaré? Quem fica indiferente ao gesto e às palavras de Francisco, o chefe da Igreja Católica, rodeado de representantes dos pobres, dos doentes, dos presos, dos oprimidos no sepulcral silêncio da Praça de S. Pedro? Que líder político, despojado de qualquer interesse, denuncia, como ele, as injustiças, a exclusão dos marginalizados, as tremendas desigualdades do mundo em que vivemos? Quem como ele anuncia a verdadeira liberdade e o processo de libertação?

3. A revolução de abril. Cantámos, cantamos e cantaremos: “Grândola vila morena, terra da fraternidade. Na acção, nas políticas e nas práticas onde está ela? Que fraternidade observamos nós na “união” europeia, sobretudo na situação limite que estamos a viver? Que fraternidade dos países ricos com países desprovidos de sistemas de saúde, esmagados pela extrema pobreza? Que fraternidade, que liberdade e que justiça nos espera nos próximos anos quando vemos emergir, mesmo no nosso país, instintos primários de ódio, de defesa e de violência contra o seu semelhante? Os regimes autoritários já estão por aí. Uns de modo aberto, descarado e provocatório. Outros, mais envergonhados, andam à espreita de uma oportunidade: quiçá a pandemia. “Vamos restabelecer a normalidade!” Encorajam. Que é a normalidade? A norma não coincide com o bom, o bem, o justo, o saudável, o libertador. O normal está inquinado por múltiplas patologias institucionais, sociais e culturais.

Do meu lado, prefiro morrer pelas “mãos” de um micro - organismo que não sabe o que faz (por isso lhe perdoo a minha eventual agonia), do que terminar o tempo de vida que me resta, ainda que mais longo, asfixiado pelo autoritarismo, pelas falsas liberdades do neoliberalismo e as mentirosas ilusões do “bem estar” criadas pelas corporações de interesses que têm governado o país ao longo destes 47 anos de democracia, a união europeia, e o mundo atual. Esse mundo oligárquico sabe bem o que faz. Não tem perdão. Regresso à normalidade? Qual? A do TGV descarrilado? Nesse comboio não entro eu. São boas demais as caminhadas nas veredas das serras que, de mãos entrelaçadas, dão colo a Baião.

Agrupamento de Escolas de Eiriz

Rodrigo Monteiro, 9ºB

O grande 25 de abril! Quem é o verdadeiro português que não sabe o que aconteceu neste dia? Há pessoas que sabem o que aconteceu, mas não conhecem, verdadeiramente, as pessoas que lutaram para que esta revolução tivesse acontecido. Falo, obviamente, de capitão Salgueiro Maia, Mário Soares, entre muitos outros nomes. Infelizmente já não estão entre nós, mas merecem homenagens a fio pelo que lutaram e deixaram aos portugueses.

Mas vamos passar para o que realmente aconteceu, no dia em que se deu a liberdade de direitos aos portugueses. Sim, liberdade!! Coisa que Salazar desconhecia na época do Estado Novo. O 25 de abril de 1974, também conhecida como “Revolução dos Cravos” foi um dia muito importante no reduto nacional, tornando-se mesmo num feriado nacional. Também não era para menos... Mas quem liderou esta armada que se opôs ao regime ditatorial? Foi o Movimento das Forças Armadas (MFA) composto na sua maior parte por capitães que estiveram na Guerra Colonial e que tiveram o apoio de oficiais milicianos.

O MFA surgiu por volta de 1973, baseando-se inicialmente em reivindicações corporativistas como a luta pelo prestígio das forças armadas, acabando por atingir o regime político em vigor. Devido ao reduzido poderio militar, a reação do regime foi praticamente nula, por isso, apenas se registaram quatro mortes e quarenta e cinco feridos em Lisboa, atingidos pela polícia política do regime nesta revolução.

O 25 de Abril de 1974 deitou abaixo o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933, e iniciou um processo que viria a terminar com a implantação de um regime democrático e com a entrada em vigor da nova Constituição a 25 de abril de 1976, marcada por forte orientação socialista. O primeiro presidente de república após a Revolução dos Cravos foi António de Spínola.

Agora, vamos saber porque se chamava à revolução do 25 de abril a Revolução dos Cravos. Salgueiro Maia contara, numa entrevista, que os cravos vermelhos se tinham tornado um símbolo quando, a sua coluna de autometralhadoras, partindo do Terreiro do Paço a caminho do Largo do Carmo passou no Rossio. Havia floristas que vendiam cravos. Na euforia do momento, começaram a distribuir às tropas revolucionárias os seus cravos brancos e vermelhos. Logo as preferências se fixaram nos cravos vermelhos, pelo simbolismo da cor na bandeira portuguesa. Mas existe outra história, a de uma senhora chamada Celeste Caeiro. Celeste foi de Metro até ao Rossio e, recorda, um soldado que já lá estava desde muito cedo e lhe pediu um cigarro. Celeste, que não fumava, só lhe pôde oferecer um cravo que o soldado colocou no cano da espingarda.

E é por isto que se chama Revolução dos Cravos. História emocionante não? Um dia que ficou para a história de Portugal e dos portugueses. A alegria que se sentia em Portugal depois desta Revolução era muito grande. O dia em que se pôde dizer “Viva a Portugal!”.

Agrupamento de Escolas do Sudeste de Baião

25 de Abril em tempos de ditadura do um vírus

Este ano será diferente; as comemorações do maior acontecimento político da história contemporânea do nosso país conquistarão outras praças, ruas e avenidas. A Revolução que nos abriu o caminho da modernidade e dos direitos fundamentais não pode parar. Apesar das restrições que nos foram impostas pelo Estado de Emergência, nada belisca a consagração dos direitos à saúde, à educação, à cultura, à habitação, entre muitos outros. O medo que o vírus nos impõe, como de uma ditadura se tratasse, não nos deverá impedir de lutar, sempre, em quaisquer circunstâncias. O caminho de democracia, que já leva quase meio século, não tem retorno, não pode ter!

Este confinamento social que muitos de nós cumprem, em graus diversos, trouxe à memória dos mais velhos lembranças de outros tempos, em que os vírus eram outros, disfarçados numa sociedade estratificada, desigual, injusta, pouco ou nada inclusiva e tolerante. Não há caminho de volta, é uma luta de todos os cidadãos, agora livres para entenderem e suportarem a falta de alguma liberdade; só porque sabemos e temos como garantido que somos livres, suportamos a falta de liberdade!

Este ano não haverá multidões na rua, desfiles de personalidades, sessões solenes a abarrotar de gente, discursos à nação, ao concelho ou à freguesia. Não haverá artistas e sindicalistas, em palcos sonoros, mais à direita, ou mais à esquerda. Mas haverá, sempre, quem diga que “é liberdade a mais”, ou que “a revolução está por fazer” ou que “isto só lá ia com um Salazar em cada rua”. Haverá sempre gente descontente, desconfiada do poder e dos milhares de cidadãos que revelam um altruísmo nestes tempos difíceis, que nos emociona.

Se dermos uma vista de olhos pela imprensa, verificamos que haverá dezenas de iniciativas nas salas, ruas, portas, janelas e varandas digitais, a que se juntarão autarquias, partidos políticos, sindicatos, entre muitos outros.

Como exemplo, destacaríamos o Museu do Aljube, em Lisboa, um espaço musealizado, de grande interesse pedagógico, que recorda os tempos da ditadura, dos outros vírus que também asfixiavam e matavam vidas, sonhos, projetos, ideologias. Os serviços do museu farão a partilha de pequenos vídeos alusivos à Revolução dos Cravos. Fica este simples apelo de visita aos muitos alunos, pais e toda a comunidade educativa do concelho <https://www.museudoaljube.pt/sobre-o-museu/>

Enquanto membros da comunidade educativa deste concelho, diariamente, tentamos contribuir, com a nossa dedicação e conhecimento, para a melhoria da qualidade do ensino e do crescimento dos nossos alunos e alunas, enquanto cidadãos, mesmo nestas atuais circunstâncias de ensino a distância.

Este longo caminho de liberdade que vamos percorrendo em conjunto não pode deixar para trás ninguém; temos que garantir a igualdade possível a todos os alunos e alunas.

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

Também se cumpre Abril, quando nos organizamos como comunidade e levamos às portas materiais de apoio para estudo, com a ajuda da autarquia, ou quando funcionários, professores, pais e instituições locais se organizam para que alguns alunos e alunas tenham um computador, ainda que usado.

Se estes tempos de dificuldade não servirem para melhorarmos, particularmente, a vida dos que (temos visto) ainda não têm as ferramentas básicas, seria lamentável. Há vírus que não matam, mas dão muito prejuízo.

Jovens do Agrupamento de Escolas de Vale de Ovil

Grupo de Filosofia, com a colaboração das turmas:

10ºA, 10ºB, 11ºC, 11ºD, 12ºB e 12ºC

Liberdade, responsabilidade, fé... e COVID- 19

A Joana Sousa do 10º B, começa por citar Platão (Filósofo grego da antiguidade clássica, sec V a.C.): “Não espere por uma crise para descobrir o que é importante em sua vida.”

O que é certo é que este momento atípico que vivemos, uma situação de emergência instalada e de reclusão forçada, tem feito muitos descobrir muita coisa, acerca, por exemplo, daquilo que valorizam, do que valorizavam, e do que vão valorizar no futuro.

Descobriram coisas simples, como a **Empatia**:

“A famosa empatia, que é deixada a toda a hora de lado pelas pessoas que nos rodeiam, agora começa a fazer sentido, o significado de tal palavra.

Olhar para o outro como ele é, senti-lo e valoriza-lo. É como se passássemos a "calçar os sapatos dos outros", isto é, quem calça o 38 facilmente calça os sapato de alguém que usa o mesmo número. Mas o difícil mesmo é calçar tamanhos menores e maiores, é necessário um sacrifício maior da nossa parte para o fazer, e aí pensamos, realmente: «o que outro passa não é fácil, a vida do outro não é tão simples como parece, o problema do outro visto pelos seus olhos tem uma carga imensa.» “

A Leonor, do 10ºA

Descobriram coisas simples, como o valor da **Paz**:

'Será que faz sentido continuar a ver o mundo como uma corrida desenfreada em que todos querem ser os primeiros, mas chegam à meta e não encontram lá o que procuravam?'

Nos últimos dias tem estado em curso uma verdadeira guerra. Uma guerra não de homens uns contra os outros, mas contra um inimigo comum, microscópico e invisível. Este novo paradigma provocou alterações profundas na nossa maneira de viver. O quotidiano tornou-se inseguro, não só por nós mas também por aqueles que mais amamos. A incerteza instalou-se nas nossas vidas provocando-nos momentos de ansiedade e de uma profunda nostalgia pensando que a qualquer momento o nosso futuro pode desvanecer.

No entanto, a vida assumiu na retaguarda uma feição de calma, uma paz que faz pensar em épocas mais recuadas. Porventura enganadora, mas paz. Uma paz como muitos nunca tinham sentido nas suas vidas. Talvez esta seja a maior oportunidade das nossas vidas para dedicarmos mais tempo à reflexão, à família, aos amigos, ao lazer e olhar com 'olhos de ver' o maravilhoso mundo que nos rodeia, ainda que á distância. Todos aqueles que têm a sorte de estar longe da 'frente de batalha' podem e devem ocupar-se com atividades pacíficas e enriquecedoras. “

A Beatriz Geada, 10ºA

Descobriram coisas simples, como o valor da **introspeção**:

“Estar em casa tem me feito pensar e refletir sobre várias coisas, por exemplo, eu cheguei à conclusão que o ser Humano necessita tanto do isolamento como do toque e da comunicação humana, isso porque neste tempo em que tenho estado em quarentena me senti mais próxima de mim e com constantes pensamentos que me fazem refletir, o que não fazia muito antes.”

A Mariana Fonseca, 11ºD

Descobriram coisas simples, como o valor da **Liberdade**:

“Todo este tempo tem servido para eu refletir, pensar no verdadeiro significado da palavra, liberdade. Liberdade essa que dava como um bem adquirido na minha vida, achava eu que ninguém a tiraria de mim, mas afinal tiraram, fiquei presa na minha própria casa, algo que até agora achava impossível.”

A Mariana Correia, 11ºD

Descobriram coisas simples, como o valor d'**Os Nossos**:

“A família normalmente distanciada pela frieza das redes sociais e pela falta de tempo que a máquina materialista nos impôs a família está agora barricada de pais, filhos e avós por um prazo de tempo que ainda ninguém pode determinar, possivelmente será o tempo suficiente para que nos apercebermos que afinal, existem pessoas que vivem connosco que são de extrema importância nas nossas vidas.”

O Duarte, 11ºD

Descobriram coisas simples, como o valor do **Amor**:

“É amor. Uma palavra delicada e que carrega tanto com ela. Se tu és amor, tu vais espalhar amor e se tu espalhas amor vais fazer com que esta palavra se prolongue e percorra cada vez mais corações. É mais uma vez, o que está a doer no nosso interior é a ausência de quem nos preenche. Porque isto do amor é como uma ponte que une pessoas, e mais pessoas. Esta ponte compreende e envolve sentimentos que temos por quem nos rodeia todos os dias. É contruída e suportada como nada mais nada menos do que amizade, ternura e admiração pelo próximo.”

A Rita, 12º B

Descobriram coisas simples, como o valor do da **Saúde Mental**:

“Porém uma questão que se sobressai relativamente ao que foi referido anteriormente é o impacto que uma pandemia deste nível pode causar ao nosso estado psíquico. Relativamente a esta questão é notável referir que a perceção de ameaça do coronavírus

pode levar-nos a comportamentos irracionais, causando ainda mais danos.”

O Miguel, 11°C

Com uma ponta de poesia e humor, a Catarina descobre a **auto-crítica**:

“Mas, enfim, estes dias levam-nos a pensar no impacto que causamos cá e naquilo que podemos vir a ser.

Bem, se formos a ver, acabamos por haver tempo para tudo, até para pensarmos naquilo em que não devíamos e, é claro que a ansiedade ataca e com muita preferência a nós, adolescentes, e porquê? Porque nós valorizamos frases, atitudes e comportamentos completamente estúpidos, e que nem deviam ter espaço nas nossas mentes, mas acabam por nos “batalhar o inconsciente”, e é exatamente isso que nos acorrenta. (...) Bem, na verdade, nós nunca fazemos o que devemos, e, para ser sincera, essa é a essência da adolescência.”

A Catarina, 12°C

E, finalmente, o Francisco descobriu a importância de poder, descontraidamente, discutir em aula, alguns conceitos em que habitualmente não pensa muito:

Atualmente vivemos numa sociedade onde predomina o egoísmo e o capitalismo, sociedade esta, que se preocupa mais com o poder e classes. Nela, as dificuldades estão destinadas a alguns, enquanto outros beneficiam do privilégio de se afastar das adversidades. Hoje, enfrentamos um inimigo que não escolhe raças, poder, estatuto social ou idades, demonstrando o quanto somos frágeis e simples mortais, independentemente do que temos e quem somos, não havendo espaço para privilegiados, de repente vemo-nos todos fechados dentro de quatro paredes apenas com a família e as redes sociais.

Ao longo dos séculos, o homem lutou pela conquista de um estatuto de grandeza, domínio, poder e, mais recentemente, a busca da imortalidade através dos avanços científicos e tecnológicos. Uma luta sem fim, mas que parece reduzir a humanidade à sua verdadeira essência quando confrontada com um inimigo tão mortal como este vírus que assombra os nossos dias, o CODIV-19. Tenho pensado muito sobre o que temos vivido e sobre a nossa espécie e, percebo que, ainda que sejamos muito evoluídos, continuamos a viver dentro de um corpo vulnerável que nos confronta com muitas limitações e com a morte.

Aqui, acaba toda a grandeza e poder e começa a fatídica igualdade.

Quando me questiono sobre o que vai mudar e o que a sociedade será depois desta pandemia, gostaria de acreditar numa sociedade mais unida, mais responsável, menos egoísta e mais solidária. Da minha janela e pelos meios de comunicação vejo pessoas que não cumprem o que lhe foi pedido, simplesmente ficar em casa, continuam a passear pelas ruas e junto às praias como se nada estivesse a acontecer. Humanos irresponsáveis e egoístas. Gostaria de ver no futuro uma sociedade com novas prioridades e outros valores assentes no

25
ABRIL

46º ANIVERSÁRIO
1974 - 2020

bem-estar de todos nós. Talvez nos tornemos pessoas mais conscientes e quem sabe aprender a valorizar tudo aquilo que parece termos esquecido no meio de tanta futilidade e a correria do nosso dia-a-dia. Acredito que a forma como iremos olhar para o mundo no final desta pandemia será muito diferente e cheia de novas aprendizagens, entre muitas, respeitar mais a natureza e o ser humano, caso não aconteça, pelo menos temer mais pelas consequências da negligência humana.

Depois desta minha reflexão, dei por mim a pensar como gostaria de um dia quando regressar às aulas, em conjunto com os meus colegas e professora de filosofia, debatermos alguns conceitos tais como liberdade, responsabilidade e fé, na disciplina de filosofia perante tal epidemia, o vírus COVID-19.

O Rodrigo, 10º A



ficha técnica

46 Anos - Comemoração do 25 de Abril | 1974 - 2020

Elaboração: Gabinete de Comunicação, Informação e Imagem
da Câmara Municipal de Baião. Serviços de Apoio à Assembleia Municipal de Baião